

(In)FORMAÇÃO

n.º 1- julho/2014



Programa Escola da Família

Circulação interna

Editorial

Caro Educador

Convidamos você a visitar estas páginas e a se aproximar das muitas ideias e fazeres que o *Escola da Família* provoca em nosso cotidiano.

Assim, trazemos para você as notícias de alguns cantos do Programa:

- a técnica da arte milenar do papel machê, nas mais diversas formas, povoando os espaços das escolas;
- uma pitada boa das nossas raízes paulistas, com a ingenuidade da alma do caipira, suas crendices e superstições, contadas no jeito singular de Cornélio Pires;
- desta leitura, também será possível entender a importante tarefa da escola pública no alcance *possível da felicidade* (texto de Gustavo Martin);
- e, de súbito, embarcar na alegoria de um Trem de Ferro que dispara pelos vários rincões do Estado.

É com o desejo de cada vez mais, fortalecer a identidade de toda uma comunidade que se apropria, aos finais de semana, dos espaços abertos das escolas do Programa, que a “*gente vae prantano, de*

quatro in quatro grão e dizem, sem pará: três ideia para nós, uma pro tatu... seis pro céu”.

Boa leitura!

Expediente

Colaboraram nesta edição com: redação, revisão, diagramação e arte-final: Ana Maria Stuginski, Brisa Bejarano Campos, Elen de Cássia Barreto, Elisabete Barlach, Ivânia P. L. Barros de Almeida, Rosângela Asselta, Tatá – Ataulfo Santana e Thelma Calil Jorge.

Sumário

Capa.....	1
Editorial / Expediente / Sumário	2
Conhecer e Aprender: <i>Papel Machê; Projeto Move Day</i>	3
Nossa Gente: <i>Raízes Paulistas</i>	6
Artigo: <i>Por uma escola pública, laica e literária</i>	14
Comunidade Leitora: <i>Contos de tradição oral; As Comunidades Leitoras; Eu Conto!; Manuel Bandeira; Crianças botam fogo na fofalha</i>	18
Vale Tudo: <i>Campanha do Agasalho 2014</i>	27
Acontece no PEF: <i>Tem artista no PEF Projeto Premier Skill; Agitar-se para viver melhor</i> ...	29
Coordenadas: <i>Por que Projetos?</i>	33
A palavra é Sua: <i>Sugestões</i>	36

A arte do papel machê ao alcance de todos

O artista Sérgio Azevedo, formado pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo e especialista em *design* de interiores (decoração), esteve com educadores e vice-diretores do PEF, em uma oficina que se organizou em quatro módulos, na EE “Profª Marina Cintra”/ DE Centro.

Dois pré-requisitos determinaram a formação desse grupo de aprendizes: habilidade ou experiência para criar e facilidade para multiplicar a técnica a outras pessoas.

Nas oficinas, a técnica foi ensinada em sete fases: histórico da arte, contato com fotos e peças já prontas, preparação da massa, decupagem, enchimento de jornal, modelagem e acabamento da peça.

Ana Maria Stuginski, da Coordenação Geral do PEF, esteve presente, participando de todos os módulos e garante que a receita da massa – matéria-prima do papel machê – é barata e fácil de se fazer. Ela, que já conhecia a arte e

outras receitas de massa, garante que três características chamaram sua atenção: não tem cheiro desagradável, não embolora e pode ser guardada por três meses, desde que bem embalada em plástico.

Entusiasmada com a técnica aprendida, ela vê nessa arte mais uma possibilidade de geração de renda para as pessoas frequentadoras do PEF, que poderão criar peças decorativas, bijuterias, bonecos etc.

O artesanato, que desde a criação do Programa Escola da Família, tem sido uma forte expressão do eixo cultura, dessa vez foi apresentado com mais

essa possibilidade de arte. Sérgio Azevedo, além da técnica por ele ensinada, enfatizou que essa arte milenar sobrevive ainda hoje, em razão de sua simplicidade. Embora extremamente simples, os objetos criados com papel machê apresentam durabilidade inquestionável, tanto que antigamente, bonecas e fantoches eram feitos com essa massa. Hoje, em museus e antiquários, ainda nos deparamos com alguns exemplares que povoaram as brincadeiras de muitas crianças do passado.

“... uma possibilidade de geração de renda para as pessoas frequentadoras do PEF, que poderão criar peças decorativas, bijuterias, bonecos etc.”



Conhecer e aprender

Seção 1



O que se espera com essa oficina é que cada comunidade descubra uma maneira criativa, gostosa e, quem sabe, rentável de se produzir objetos que, além de bonitos, versáteis e funcionais, poderão dar prazer a quem os cria e a quem os utiliza.



Receita da massa de papel machê

Material:

- 3 rolos de papel higiênico da marca Neve (não pode ser outro por conta da celulose);
- 1 quilo de cola Cascorez (rótulo azul);
- bacia plástica;
- pano de saco branco;
- placa de madeira forrada com plástico;
- fita crepe;
- jornal.



Modo de fazer:

Coloque o papel na água e retire o miolo de papelão. Comece a picar o papel molhado. Vá picando até ficar em tiras bem pequenas. Esse processo deve levar umas duas horas.



Após, coloque esse papel em um saco de pano e o torça bastante para tirar toda a água. Despeje esse papel picado na bacia sem a água, e vá colocando a cola. O papel ficará com a aparência de queijo ricota. Vá amassando com a cola (mais ou menos 800 gramas).

Prepare um enchimento de jornal, o mais compacto possível. Faça uma bola bem apertada e a cubra com fita crepe. Em seguida, encape-a com a massa; coloque as patinhas e o focinho. Assim, você terá um porquinho. Deixe secar na placa de plástico por uns dias.

Quando estiver seco, passe tinta acrílica, depois passe cola com um pincel. Deixe secar e, por último, passe verniz fosco.

Essa massa pode ficar guardada em um saco plástico, em lugar seco, de 3 a 4 meses.

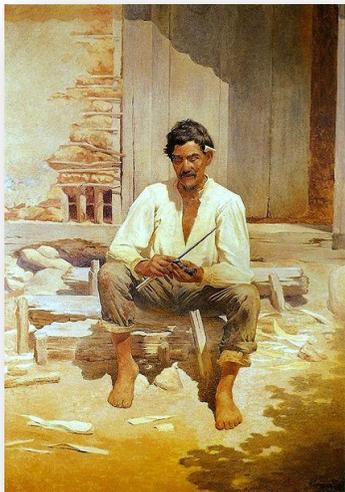
Projeto *Move Day* movimenta a EE “Narciso Yague Guimarães” na DE Mogi das Cruzes

O Programa Escola da Família dessa unidade escolar encontrou uma maneira interessante e descomplicada de trabalhar a interdisciplinaridade, para isso as disciplinas Artes e Educação Física deram as mãos. Professores, alunos e estagiários criaram o Projeto *Move Day*, e nele a dança, o grafite, as atividades circenses, o *slackline* e o basquetebol estabeleceram vínculo e diálogo, possibilitando a participação engajada de 200 pessoas: crianças, adolescentes e jovens, nas diversas atividades.

O objetivo principal foi alavancar no público, o protagonismo juvenil, para o desenvolvimento das várias fases do Projeto: organização, elaboração, avaliação e apropriação dos resultados. Isso trouxe a eles o sentimento de que a participação coletiva e solidária não é simplesmente uma concessão ou uma dádiva, mas, essencialmente, uma conquista legítima.

O *Move Day* também trouxe outros resultados importantes aos participantes: melhoria da autoestima, das habilidades e capacidade motora, como também, promoção da boa convivência. Além disso, o Projeto revalorizou a escola como patrimônio público, onde saberes e pessoas são colocados em contato para aprenderem e ampliarem o (auto)conhecimento.





Caipira Picando Fumo de Almeida
Júnior - 1893

Raízes Paulistas

Nossa Herança Cultural

“Eu sou caipira. Eu acho que ser caipira é ter o seu conjunto cultural, a sua identidade ligada às pessoas que trabalharam na terra. Eu nunca trabalhei na terra, eu nunca morei na zona rural, eu sempre morei em cidade do interior, em bairros maiores, mas tenho toda minha bagagem cultural, todos os meus ancestrais são ligados à terra e é justamente por isso que acabaram se conservando esses traços de identidade construídos em cima da atividade produtiva dessas pessoas. Eu não exerço mais essa atividade que eles exerciam, mas o trabalho acabou imprimindo, construindo os traços de personalidade dessas pessoas. Uma bagagem cultural, é isso que me foi passado.”

(Depoimento de Daniela Cabreúva dado ao livro **Terra Paulista: Vivências Caipiras - pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista** - Maria Alice Setubal).

O natureza do caipira se define pela alegria, pela transparência de atitudes, pela sinceridade e espontaneidade...

Essa bagagem cultural, que Daniela disse ter recebido, traduz-se no saber simples do homem do campo, do homem do interior paulista, cujos descendentes participam do universo da vida urbana, mas não esquecem ou abandonam suas origens.

A gênese dessa prática cultural remonta ao momento em que o europeu sobe a Serra do Mar, vindo do litoral para o planalto e depara-se com o indígena. Desse encontro, pelo entrelaçamento étnico, surge o **mameluco** – uma mistura de aparência física, hábitos e maneiras de ser de ambas as raças – pedra fundamental de uma sociedade peculiar, na qual prevalece um modo de vida que se pode chamar de caipira.

O natureza do caipira se define pela alegria, pela transparência de atitudes, pela sinceridade e espontaneidade, em oposição ao homem urbano que, por estar ligado aos valores

típicos da civilização urbana, já embuça atitudes comportamentais.

Essa mesma observação – valores rurais comparados aos valores urbanos – já foi manifestada pelo escritor Cornélio Pires, grande propagador da cultura regional paulista. “*Defensor e divulgador do folclore e da cultura paulista*”, segundo Antonio Cândido.

Cornélio Pires nasceu na cidade de Tietê, interior de São Paulo, no dia 13 de julho de 1884 e faleceu aos 73 anos em 17 de fevereiro de 1958. Foi escritor, compositor, conferencista, jornalista, contador de “causos”, poeta e folclorista, trabalhando com afinco para divulgar a cultura caipira. Sua carreira literária inicia-se a partir dos anos de 1910, quando lança sua primeira coletânea de poesias intitulada *Musa Caipira*, sua obra mais famosa até os dias de hoje. A década de 1920 foi um período de grande produção artística e cultural no país devido ao movimento modernista. O nacional e o popular de

O nacional e o popular de nossa cultura foram exaltados nas artes rendendo a Cornélio Pires...

nossa cultura foram exaltados nas artes rendendo a Cornélio Pires uma maior abertura de expressão e de grande produção nas décadas de 20 e 30. A contribuição cultural que Cornélio Pires trouxe para o estado de São Paulo e para o país foi de grande valia, pois difundiu a cultura do interior paulista nos seus diversos segmentos artísticos.

Sua obra literária compreende 23 livros:

Musa caipira, 1910; **Versos**, 1912; **Versos velhos**, 1912; **Cenas e paisagens de minha terra**, 1912; **Monturo**, 1915; **Quem conta um conto...**, 1919; **Conversas ao pé do fogo**, 1921; **Estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho, o queima campo**, 1924; **Continuação das estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho, o queima campo**, 1925; **Tragédia cabocla**, 1926; **Patacoadas**, 1926; **Seleta caipira**, 1927; **Almanaque do Saci**, 1927; **Mixórdia**, 1927; **Meu samburá**, 1928; **Sambas e cateretês**, 1932; **Chorando e rindo**, 1933; **De roupa nova**, 1933; **Só rindo**, 1934; **Tá no bocó**, 1935; **Quem conta um conto... e outros**



Cornélio Pires



A Caipirinha de Tarsila do Amaral -
1923

contos (Coisas do passado), 1934; Enciclopédia de anedotas e curiosidades, 1945; Onde estás, ó Morte!, 1944; Coisas do outro mundo, 1944.

O dialeto caipira

Quando os colonizadores portugueses chegaram ao Brasil, encontraram diversas línguas ou dialetos aparentados da família Tupi-Guarani usados ao longo da costa do Brasil. Desconsideradas as diferenças dialetais, na prática havia uma "língua geral" da qual os colonizadores podiam se servir como "língua brasílica" para se comunicar com os indígenas ao longo de um vasto território. Essa "língua brasílica" falada pelos índios, o tupi antigo, foi absorvida pela sociedade colonial, sendo usada não apenas por índios e jesuítas, mas também como língua corrente de muitos colonos de sangue português. Entretanto, essa língua entrou em declínio no fim do século XVIII, com o aumento da imigração portuguesa, e sofreu duro golpe em 1758, ao ser banida pelo Marquês de Pombal, por ser associada aos jesuítas, que

havam sido expulsos dos territórios dominados por Portugal.

O dialeto caipira surge, então, no século XVIII quando a língua brasílica foi proibida pela Coroa portuguesa e passou-se a falar Português com sotaque nheengatu – do termo tupi *nhe'engatu*, uma língua derivada do tronco tupi. Pertence à família linguística tupi-guarani e significa "**língua boa**". O dialeto nheengatu estranha os infinitivos dos verbos, as consoantes duplas e os dígrafos. Dessa forma, as palavras são pronunciadas como "muié", "cuié", "zóio", "orêia", "falá", "dizê", "comê". Assim, a fala caipira não é um erro de linguagem, é um dialeto, uma legítima variante da língua portuguesa, e Cornélio Pires seu grande defensor.

Como símbolo e instrumento de afirmação étnica, o nheengatu é uma das quatro línguas oficiais...

Atualmente, o nheengatu ainda é falado por cerca de 8.000 pessoas: no Brasil (3.000), Colômbia (3.000) e Venezuela (2.000), especialmente na bacia do rio Negro (rios Uaupés e Içana). Para além disso, é a língua materna da população cabocla e mantém o caráter de língua de comunicação entre índios e não índios, ou entre índios de diferentes línguas. Como símbolo e instrumento de afirmação

étnica, o nheengatu é uma das quatro línguas oficiais do município de São Gabriel da Cachoeira, no noroeste do estado do Amazonas, no Brasil.

Cornélio Pires compreendeu, valorizou e divulgou a cultura caipira e o seu dialeto nos centros urbanos do Brasil. Registrou também a influência da imigração italiana entrando em contato com o caipira. No quadrilátero formado pelos municípios de Campinas, Piracicaba, Botucatu e Sorocaba, no médio rio Tietê, o caipira sofreu muitas transformações, influenciado que foi pela maciça imigração italiana para as fazendas de café do interior de São Paulo. Mas o caipira, por sua vez, aculturou o imigrante, tanto nessa região quanto na região de Santo Amaro, na capital, onde os alemães imigrados logo depois da Independência acabaram conhecidos como "os caipiras alemães de Santo Amaro".

Abaixo, uma transcrição de um conto de Cornélio Pires, extraído da obra

"Conversas ao pé do Fogo", onde se pode observar mais intensamente o dialeto nheengatu, a fala caipira.

Abusões

A solidão e a falta de instrução enchem o espírito do caipira de crendices e superstições a que chamam **abusão**.

Como é natural, nas conversas ao pé-do-fogo surgem eles de momento a momento...

"Casca laranja de fita, saino a casca vorteadado cumo sacarroia: inleia (enlear – amarrar, emaranhar, comprometer) a vida e trais atraso".

- Não guspa no fogo Jerôme!
Eah! Ocê num sabe que a boca seca?

- Secará, mesmo, Nho Thomê?
- Ara sê...

- Quais são outras "coisas que não prestam?"

- Queimá estrume de gente fais secá o órgo.

- E mais?

- Escuite lá u'a proção:

- Barré de noite é siná de morte.

- Andá fastano é incurtá a vida.

- *Casca laranja de fita, saino a casca vorteadado cumo sacarroia: inleia (enlear – amarrar, emaranhar, comprometer) a vida e trais atraso.*



Casamento Caipira de Cândido Portinari - 1940



Cozinha Caipira de Almeida
Júnior - 1895

- *Uriná n'aua (água) é a merma coisa que na boca da madrinha, porque a aua é que serve pra batizá.*
- *Penteá cabelo de noite, trais doença e morte.*
- *Remexê frumiguero in tempo de chuva, fais firmá o tempo.*
- *Matá sapo, trais seca das grande.*
- *Marrá um pito sarrento drento d'aua do reberão, trais chuva.*
- *Atirá anum, dexa a espingarda variano.*
- *Fazê u'a cruiz recortado fundo no coice do morão da portêra, purive (proíbe) a entrada de lubisome e cuizarruim no sitio.*
- *Espetá laranja num mastro do terrero, tropela a peste.*
- *Muié dá um nó na saia quano vê cobra, a cobra num pode fugi.*
- *Marrá u'a paia no dedinho do pé: cura saluço.*
- *Ficá de quatro ciscano terra pra trais, pro vão da perna, fais quem fô fugino, pará e vortá.*
- *Cumê c'ò chapeu na cabeça é cumê c'ò diabo.*
- *Botá a vaçora c'a barredô p'ra riba, atrais da porta, tropela visita.*
- *Cuitelinho (beija-flor) do rabo branco intrá in casa é siná de morte.*

“Musquito caceteano a gente, sentano nas oreia, qué dizê que “arguem” tá quereno cunversá à parte...”

- *Intrá na sala e num querê sahi u'a mamangava (abelha enorme) é siná que vai chegá gente brabo in casa.*
- *Tiçãõ de fogo garrá estralá é siná de chegá nuvidadêro u intãõ qué dizê que notro dia a gente vai cumê paca.*
- *Fazê uma cruiz no rasto de um alimar arisco com bichera, e c'ò facão virá o rasto debruço, fais debuiá a bicharada e cura o supricante.*
- *Ponhá um ramo de baçora no cóis das carça, livra da gente panhá carrapato na capoêra.*
- *Pinchá o dente de leite de u'a criança in riba do teiado, dizem: andurinha, andurinha: levai meu dente, trazei-me ôtro, fais nascê dente.*
- *Marrá os dedo cum paia u barbante e despois i bem longe de casa e pinchá no mato, vortano sem oiá p'ra trais, fais cahi as berruga na merma noite.*
- *Virá chinela de bruço, fais cachorro pará de uivá.*
- *Prá pipóca rebentá bem, é preciso batê c'oa escumadera no testo, dizem: “torra pipóca... Nhá Maria soróroca”*
- *Cortá unha na sexta-feira, cura nevrargia de dor de dente.*
- *Visti a ropa no avesso, livra de cachorro lôco.*

- *Juntá pausinho de forfe que cae no chão, dá a disga. (desgraça)*
 - *Pinchá fora pão, trais miseria e erguê o (pão) que cae n'um serve: é das arma (almas).*
 - *Pegá a chicra de café c'oa mão esquerda é bão: se tivê cum fitiço, avua da mão.*
 - *Buli nos cabelo, fais esquecê os sonho.*
 - *Musquito caceteano a gente, sentano nas oreia, qué dizê que “arguem” tá quereno cunversá à parte...*
 - *Galinha cantá que-nem galo... É perciso cortá um dedo: é siná que o dono da casa vai morrê...*
- Interrompi o velho...
- *E para casar, Tia Polycena?*
 - *Isso é face nho-nho... É só garrá Santo Antonio e depindurá ele p'ro pescoço u infiá drento do quadô... Tá ali, tá siguro!*
 - *Tem mais:*
 - *Drumi c'os pé p'ra porta – é defunto.*
 - *Drumi de costa, esticado – defunto.*
 - *Guspi no anzó – chama pexe.*
 - *Guspi n'aua quano o pexe escapa é bão, que é pr'ele num i contá p'ros otro que tá c'o quexo maxucado.*
 - *Um gole de aua fria cura saluço.*
 - *E p'ros tatú num cumê a roça de mio, a gente vae prantano, de quatro in quatro grão e*

O dialeto caipira também foi usado e, dessa forma, preservado por vários artistas e escritores brasileiros.

dizeno, sem pará: Treis prá mim, um p'ro tatú... treis p'rá mim, um p'ro tatú...

Interrompi a velha, levantando-me para “desenferrujar” as juntas.

Uma ultima, Nho Thomé, e vamos para o vale de lençóes.

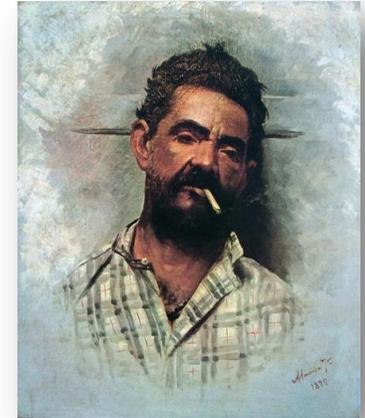
- *Intão lá vae ! Quano a gente tá ficano veio, molengão, perna mole, a gente tira um nó de pinho, fais um Santo Antónho, põe num fio e depindura no pescoço, dexando o santo inforcado na cacunda... P'ra vacê fica forte como um rapais, basta reza:*

*Santo Antónho, nó de pinho...
Dae-me força nas cadera cumo
porco no fucinho...*

Tia Polycema arrenegou:

- *Aaah! Véio damnado*

O dialeto caipira também foi usado e, dessa forma, preservado por vários artistas e escritores brasileiros. O cineasta Amácio Mazzaropi criou uma personagem, nos anos de 1950, que fez muito sucesso no cinema brasileiro: o **Jeca**, inspirado no caipira.



Caipira pitando Almeida
Júnior 1895



O Violeiro de Almeida
Júnior - 1899

O cartunista Maurício de Sousa também tem um personagem caipira nas histórias da Turma da Mônica que é o Chico Bento: um menino caipira que representa o confronto da cultura caipira com a urbanização do Brasil. Notável é o fato de as falas nas historietas em quadrinhos do "Chico Bento" serem escritas no dialeto caipira, em vez do português culto.

O compositor Renato Teixeira, com sua composição "Rapaz Caipira", foi um dos responsáveis pela volta do nome "música caipira". A música caipira tem uma temática rural e, segundo Cornélio Pires, que a conheceu em seu estado original, se caracteriza "por suas letras românticas, por um canto triste que comove e lembra a senzala e a tapera, mas sua dança é alegre". Entre suas mais destacadas variações, está a moda de viola. O termo "moda de viola", usado por Cornélio Pires, é o mais antigo nome da música feita pelo caipira.

Além da produção literária, Cornélio Pires idealizou dois filmes-documentários registrando nossa

grandeza cultural: "Brasil Pitoresco", 1923 e "Vamos Passear", 1934.

Entre 1926 e 1928, viajou em diversas excursões pelo Brasil, combinando músicas caipiras e anedotas e, também, espetáculos musicais com a "Turma Caipira Cornélio Pires". Compositor e divulgador desse estilo musical, foi responsável por seu registro em 1929 pelo selo Columbia Records, representado no Brasil por Byington & Company. A essa empresa, Cornélio Pires propôs gravações de músicas e de anedotas caipiras, pagas com seu próprio recurso. Por esse projeto, Cornélio Pires é considerado o primeiro produtor independente de discos no Brasil, fato que abriu caminho para os programas de música caipira nas rádios de todo País.

Durante as suas viagens pelo interior do país, teve contato com vários fenômenos mediúnicos, particularmente algumas comunicações do espírito Emílio de

O termo "moda de viola", usado por Cornélio Pires, é o mais antigo nome da música feita pelo caipira.

Menezes, que muito o impressionaram. A partir de então passou a estudar as obras espíritas principalmente as de Allan Kardec, Léon Denis, Albert de Rochas e alguns livros psicografados pelo então jovem médium Francisco Cândido Xavier. A partir de então dedicou-se ao Espiritismo, com particular interesse pelos fenômenos de efeitos físicos.

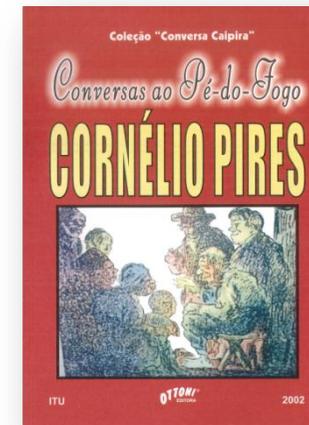
Em 1946, criou o **Teatro Ambulante de Cornélio Pires**, composto por dois carros, um destinado para biblioteca e outro para discoteca, que percorriam o interior paulista e apresentavam-se em praças públicas.

Antes de sua morte, no mesmo ano, saboreou mais uma conquista: a apresentação de um espetáculo caipira no Teatro Municipal de São Paulo, templo sagrado da música clássica.

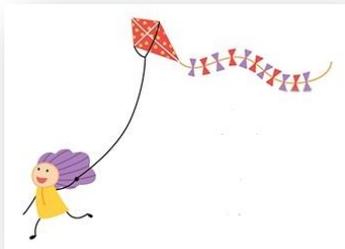
Bibliografia consultada

1. <http://pt.wikipedia.org>. - Cornélio Pires
2. <http://pt.scribd.com/doc/28008053/Dicionario-Caipira>

3. http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/Edicao06/5a_o_retrato_do_caipira.pdf
4. <http://www.youtube.com/watch?v=ndNhBa3zNOY> - Artigos sobre Cornélio Pires
5. *Cornélio Pires - YouTube*
www.youtube.com/watch?v=ndNhBa3zNOY
6. **Conversas ao Pé-do-Fogo** – Cornélio Pires
7. **As Aventuras de Cornélio Pires** Arlete Fonseca de Andrade
8. **Os parceiros do Rio Bonito** - Antonio Cândido
9. **Terra Paulista – Histórias, Arte, Costumes** – volume 2 : Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos. CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.
10. **O Caipira como ele é** – Cornélio Pires com comentários de Orlando Batista dos Santos.
11. **Representações de Caipira nas Práticas Literárias de Cornélio Pires** - Albert Stuart Rafael Pinto da Silva



Este artigo inicia uma série de considerações e observações sobre a cultura material e imaterial do caipira. Não percam os próximos assuntos sobre o tema.



[...] o papel que a escola pública representou nesta reivindicação da **autonomia da infância**, nem o esforço que vários professores se viram obrigados a realizar para conseguir um ensino que não se dirija a uma criança privilegiada mas à criança única, a essa criança que no fundo são todas as crianças [...].

Por uma escola pública, laica e literária

A felicidade é possível

Por Gustavo Martín Garzo

São numerosos os contos infantis que abordam o temor das crianças de serem rejeitadas pelos adultos. Muitas vezes eles terminam com o retorno de seus pequenos protagonistas para casa. Quando isto acontece, já não são as mesmas que aquelas que foram abandonadas. Enfrentaram os perigos do mundo e regressam preparadas para assumir os compromissos do crescimento. E o fazem, isto muitas vezes é esquecido, portando com elas os tesouros do mundo da infância: as riquezas da bruxa, a galinha dos ovos de ouro, o espólio que era guardado na cova de Ali Babá.

Os contos maravilhosos contêm um ensinamento para crianças e adultos. À criança dizem que a vida é estranha, e que terá que enfrentar-se com numerosos perigos ao crescer, mas que se é nobre e generoso conseguirá sair adiante; e ao adulto, que não deve abandonar de todo sua infância, pois sua vida se empobrecerá se o fizer. “Somos todos”, escreveu Ortega,

“em diferente medida, como a cascavel, criaturas duplas, com uma couraça externa que aprisiona um núcleo íntimo sempre agitado e vivo. E do mesmo modo que com a cascavel, o melhor de nós está no som que a criança interior faz ao dar um salto para libertar-se e chocar com as paredes de sua prisão”.

Ninguém pode discutir o papel que a escola pública representou nesta reivindicação da autonomia da infância, nem o esforço que várias gerações de professores se viram obrigados a realizar para conseguir um ensino que não se dirija a uma criança privilegiada mas à criança única, a essa criança que no fundo são todas as crianças, independentemente de seu sexo, classe, raça, religião ou capacidade.

O ensino deve ser público, laico e, como afirma o professor Federico Martín Nebreda, *literário*. Somente sendo público se assegurará a igualdade de oportunidades, e a atenção aos menos favorecidos; somente sendo laico, seus valores serão os princípios universais da razão e não serão ditados por nenhuma igreja nem sujeitos a dogmas particulares. E somente sendo literária o adulto aceitará colocar-se no lugar das crianças e ver por seus olhos. Porque é verdade que as crianças vão à escola para

aprender uma série determinada de saberes, matemática, geografia, ciências naturais, mas também a falar com essa voz que pertence somente a elas e que é preciso saber escutar.

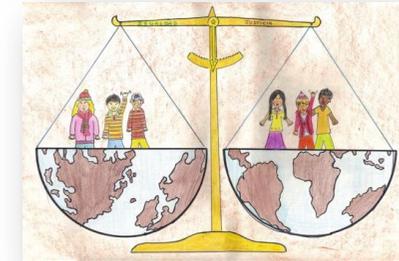
À educação racional, baseada na transmissão ordenada de conhecimentos objetivos, deve acrescentar-se outra, baseada no amor e no reconhecimento do valor e do mistério da infância. Montaigne não aprovava a tendência de fazer caretas aos recém-nascidos, por considerar que careciam de toda atividade mental e eram indignos de nosso amor, chegando a não suportar que lhes dessem de comer em sua presença, e durante muito tempo a criança que era muito pequena para participar da vida dos adultos era considerada um ser inferior que devia permanecer no âmbito doméstico e das mulheres. Mas a criança é algo mais que uma criatura imperfeita a que é preciso levar pela mão até que se transforme em alguém semelhante a nós. A criança, como disse a psicanalista Françoise Dolto, é o *médium* da realidade. Sua voz, como a do poeta, é outra voz, a voz que nos situa no

À educação racional, baseada na transmissão de conhecimentos objetivos, deve acrescentar-se outra, baseada no amor e no reconhecimento do valor e do mistério da infância.

âmbito dessas experiências básicas, a do conhecimento, a do amor, a da imaginação, sem as quais nosso coração se esgotaria inevitavelmente.

A educação deve ter um conteúdo romântico

Por isso a escola deve ser literária e o professor, antes de tudo, alguém que conta coisas. Para esta tarefa um professor não necessita que as crianças lhe entendam, deve se preparar para que lhe sigam, para que possam ir aonde ele vai. Como o flautista de Hamelin, deve contagiar as crianças com sua felicidade e sua arma para conseguilo são as palavras. Não as palavras das crenças, que dizem à criança como deve pensar e viver; mas as palavras livres do relato, que a animam a encontrar seu próprio caminho. Sherezade encanta ao sultão com suas histórias e assim consegue salvar a vida; a Pequena Vendedora de Fósforos ilumina o mundo com seus frágeis fósforos, e em um conto de *As mil e uma noites* um rapaz vê como um grupo de ladrões faz a montanha onde guardam seus tesouros abrir-se com uma palavra. As palavras da escola devem ser





esse *Abre-te Sésamo!* capaz de abrir as pedras e levar a criança à gruta onde se guardam os tesouros do coração humano. Mas também, como as chamadas vendedoras, devem ajudar-lhe a ver o mundo. Não apenas a ver melhor, mas a ver o melhor, como queria Juan de Mairena.

Rainer Maria Rilke escreveu que a verdadeira pátria do homem é a infância. Frente à ideia da infância como um mero estágio de transição em direção ao estágio adulto, o poeta alemão postula a autonomia radical da infância. Ainda mais, a vê como um estágio superior da vida, como essa pátria a que antes ou depois é necessário voltar. George Bataille disse que a literatura é a infância recuperada; George Braque, que quando deixamos de ser crianças estamos mortos; e J. M. Barrie, o autor de *Peter Pan*, que os dois anos são o princípio do fim. Não se trata de que a criança não deva crescer, mas sim de valorizá-la por isso que é em si mesma e que lhe faz ser soberana de um reino de que somente ela tem a chave.

As palavras da literatura falam dessa pátria perdida. Fazem viver as perguntas, nos ensinam a nos colocar no

[...] capaz de abrir as pedras e levar a criança à gruta onde se guardam os tesouros do coração humano.

lugar dos demais e constroem pontes entre realidades separadas: o mundo do sonho e o mundo real, o dos vivos e dos mortos, o dos animais e dos homens. As palavras da escola devem seguir esta trilha. Como poderia um professor ou uma professora, que são adultos, entrar em contato, com uma criança se não fosse com palavras dessa forma?

A educação deve ter um conteúdo romântico. Educa-se a criança para dizer a ela que neste mundo, por muito estranho que possa parecer, a felicidade é possível. Educar é ajudar a criança a encontrar lugares onde viver, onde encontrar-se com os outros e aprender a respeitá-los. Lugares, a um só tempo de felicidade e de compromisso. Onde ser felizes e se tornar responsáveis por algo. Branca de Neve foge para o bosque, encontra a casa dos anõezinhos e passa a ser mais uma em sua pequena comunidade; Cachinhos de Ouro, ao utilizar os pratos, cadeiras e camas dos ursos está se perguntando sem o saber por seu lugar entre os outros. Uma casa feita para escutar os demais e estar atento a seus desejos e sonhos, onde assumimos inclusive o que não

entendemos, assim deveriam ser todas as escolas.

Educar não é pedir à criança que renuncie a seus próprios desejos, mas ajudar-lhe a conciliar esses desejos com os desejos dos demais. Em um conto de *As mil e uma noites* duas crianças vivem felizes em seu palácio, onde têm tudo o que podem desejar. Uma tarde ajudam um ancião e este, em sinal de agradecimento, lhes fala de um jardim onde podem encontrar as coisas mais maravilhosas. E as crianças, desde que ouvem falar de um lugar assim, vivem somente para encontrá-lo. Adorno disse que a filosofia era perguntar não tanto pelo que temos, mas por aquilo que nos falta. Isso mesmo deve fazer a educação, incitar a criança a não conformar-se, a buscar sempre o melhor. Para que lhe contaríamos contos se não tivéssemos a esperança de que pode encontrar no mundo um lugar onde os pássaros falam, as árvores cantam e as fontes são de ouro? Ainda mais se não fosse para encontrarmos, também nós, os adultos, graças às crianças, lugares assim?

Coluna publicada no jornal *EL País*, em 26/08/2012.

TRADUÇÃO PAULA STELLA

GUSTAVO MARTIN GARZO

Nasceu em Valladolid, Espanha, em 1948, se formou filosofia e letras, com especialização em psicologia. Seu primeiro romance foi publicada em 1986. Crítico literário, foi diretor da revista *Un ángel más*. Recebeu inúmeros prêmios como escritor, entre eles o Nacional de Narrativa, em 1994, o prêmio Nadal, em 1999 e o de Castilla y León de las Artes, em 2008. Escreveu vários livros para crianças e jovens e muitos ensaios sobre leitura e literatura.

Fonte:

<http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=255>.

*[...] deve fazer a educação,
incitar a criança a não
conformar-se, a buscar
sempre o melhor.*



Gustavo Martín Garzo



Contos da tradição oral em retalhos coloridos

A Coordenação Regional de Tupã, empenhada em despertar o gosto pela leitura e formar leitores contumazes, realizou capacitação nos dias 7 e 8 de junho, sobre o tema "Comunidade Leitora – oficinas de Contação de Histórias", com o grupo *Colcha de Retalhos*. Educadores universitários, alunos empreendedores e vice-diretores do PEF participaram dessa formação. A ideia é que a magia sedutora e colorida do grupo *Colcha de Retalhos* chegue às coordenações locais e provoque nos educadores o desejo de contarem histórias ao público participante.

Colcha de Retalhos Alinhavando Histórias pelo Brasil

Colcha de Retalhos é resultado da pesquisa do escritor, ator e contador de histórias João Luiz do Couto. A arte do grupo teve início em 2009, no *IV Encontro Nacional de Contadores de Histórias de Santa Barbara D'Oeste* – SP. Num primeiro momento, o trabalho teve o formato de narração de histórias e aconteceu em bibliotecas e escolas. Em 2011 foi adotado o formato de teatro.

Sinopse

É um espetáculo de teatro narrativo. Escrito para reunir histórias de vários cantos do Brasil. Os dois atores em cena formam um casal – ela costureira e ele agricultor – que conversam sobre coisas da vida. Enquanto ela costura uma colcha de retalhos, ele vai contando histórias, assim ela vai alinhavando contos e lendas brasileiras. Com delicadeza, vão descortinando contos e casos, ora como personagens, ora como narradores. Histórias como *Pedrão Quebra-Pedra*, *O negrinho do pastoreio*, *O matuto no cinema*, *A lenda do Boto* e outros contos preservados pela oralidade brasileira vão colorindo o espetáculo. O alinhavo acontece com poemas e citações de poetas: Cora Coralina, Adélia Prado, João Luiz do Couto e Vanessa Meriqui.

JOÃO LUIZ DO COUTO

Ator, Escritor, Dramaturgo, Contador de História, Compositor e Arte-Educador.
(11) 2389 2122 / (11) 9 7978 1121 (OI)
joaoluizdocouto@hotmail.com /

www.cantigacrianca.com.br

VANESSA MERIQUI

ATRIZ / PESQUISADORA
(11) 9 9865-8456 e (11) 2359-0619
vmeriqui@gmail.com /

historiapaencantar.blogspot.com.br

As comunidades leitoras da DE Apiaí

O Programa Escola da Família tem se destacado pelo empenho em divulgar a literatura às várias gerações que frequentam as escolas da rede estadual de ensino aos finais de semana.

Ninguém pretende ensinar nada, apenas colocar bem perto dos olhos, das mãos e do coração, livros que revelam e encantam. E isso é o que a Diretoria de Ensino de Apiaí tem feito; seus educadores trabalham animadamente, planejando e criando espaços e possibilidades para se ler e ouvir histórias.

Na EE “Bairro dos Paes”, em Guapiara, o 1º *Chá Literário* aconteceu no dia 25 de maio. Nesse dia a comunidade conheceu a *Sala de Leitura* e o projeto *Comunidade Leitora*. A sala, que recebeu o nome de *Clube da Leitura* após votação, tem permanecido aberta todos os finais de semana.

O *Chá Literário* teve o aroma e o sabor de chás variados, torradas, patês e bolos, nele poemas foram interpretados, houve dramatização e também exposição.

Outra escola que tem colocado holofote na literatura, e isso já vem acontecendo há algum tempo, é a EE “Ambrosina de Oliveira Mattos”.

A escola adotou várias práticas para promover a literatura e o gosto pela leitura, como: roda de leitura, cantinho da leitura, sacola literária, painel de leitura, caixa de leitura, visitas à biblioteca, acervo para empréstimo, teatro, música etc.

Isso tem sido possível porque o PEF também conta com a importante colaboração do Professor Mediador, do Grêmio Estudantil, do Aluno Empreendedor e do MCC (Missionários Cristãos Cooperadores).

Outras escolas da região que também abraçaram o Projeto têm nos dado boas e animadoras notícias:





EE “Elias Lages de Magalhães”

“Trabalhamos com a leitura de livros, abrangendo vários gêneros, tais como: contos, parlendas, fábulas e poemas. Somos parceiros das salas do Ensino Fundamental durante a semana, e dos Gestores da Educação Infantil nas rodas de leitura.”



EE “Paulo Francisco”

“Além dos projetos habituais da unidade escolar, os alunos têm lido bastante. Eles têm às mãos os livros, jornais, revistas e gibis que ficam expostos na ‘banca’, no pátio da escola. Todos que aí circulam e participam do PEF podem ter acesso, ler espontaneamente, emprestar para ler em casa e assim ampliar o repertório leitor.”



EE “Profª Júlia da Silveira Mello”

“O Grêmio Estudantil colabora incentivando a leitura durante a semana letiva e em ocasiões cívicas. A professora de Língua Portuguesa realizou uma atividade com música, em que os alunos declamaram versinhos e puderam exercitar a leitura. Outros professores organizaram uma caixa de leitura, e já está programado para o segundo



semestre, sessões de contação de causos e histórias.”

EE “Profª Paulina de Moraes”

“O projeto vem sendo desenvolvido de forma bem espontânea. Nos finais de semana, a Sala de Leitura funciona com vários livros. Há sessão de Contação de Histórias na sala e fora dela. No dia que esse espaço fica sem os livros, a comunidade participante cobra da gente. Também realizamos passeios para incentivar a leitura na comunidade.”

E assim o coração do PEF, no Interior Paulista, tem batido mais forte, mais ritmado e mais alegre: TUM-TUM, TUM-TUM, TUM-TUM...

“Todos que aí circulam e participam do PEF podem ter acesso, ler espontaneamente, emprestar para ler em casa e assim ampliar o repertório leitor.”

“Eu Conto!”

O tema gerador deste ano, **Comunidade Leitora**, tem trazido conteúdo interessante e boas iniciativas ao Programa Escola da Família, mais ainda, quando conta com uma parceria que acredita no poder da escola aberta aos finais de semana. Em conjunto com a **Associação Viva e Deixe Viver**, oficinas de **Criação de Histórias**, viabilizadas pelo **jogo Eu Conto!**, foram oferecidas aos educadores profissionais e vice-diretores do PEF das Diretorias de Ensino Sul 2 e Sul 3.

As oficinas, realizadas durante os meses **fevereiro** e **março**, tiveram a participação de cerca de 100 educadores, que multiplicarão os conteúdos para, aproximadamente, 200 educadores universitários.

O jogo **Eu Conto!** é uma proposta que encoraja e estimula crianças, jovens e adultos a criarem e a contarem histórias. Formado por 104 cartas, cada uma com uma palavra em sua face, o jogo é dividido em cinco categorias: Ações, Objetos, Qualidades, Lugares e

Personagens. O objetivo é contar uma história, começando com as palavras propostas nas cartas, e a sua conclusão poderá ser feita por todo o grupo.

O jogo, aparentemente simples, desperta e apura, em seus participantes, a habilidade de imaginar, de criar e de narrar.

Com este projeto, estima-se atingir, a cada mês, cerca de 4.000 pessoas entre crianças, jovens e adultos em todo o Estado de São Paulo.

Parceiro: www.vivaedeixeviver.org.br.





Professora Luiza Cardinalli ensaiando o Flash Mob na EE “Tarsísio Álvares Lobo” – DE Centro no dia 17 de maio de 2014.

Manuel Bandeira torna-se popular no PEF

Adriana Nunes, 35 anos, é a diretora da *Companhia Antônima de Dança* e professora dessa arte, há 15 anos, na Academia de Dança Claudia Mello. Sempre reflexiva, atenta e muito simpática com todos da equipe da FDE, ela foi a convidada de nossa primeira entrevista.

Com o forte desejo de estudar dança contemporânea, improvisação e coreografia na composição cênica, Adriana Nunes e suas colegas Luiza Cardinalli e Anna Luiza Bassi fundaram a Companhia Antônima de Dança, em 2010.

Adriana começou balé clássico com quatro anos de idade, permaneceu nesse estilo até os dezessete anos, depois dessa idade caminhou para dança moderna e para o estudo da dança contemporânea. Para Adriana, a democracia da dança é representada pela fusão do Flash Mob com o estilo contemporâneo. Tanto em um quanto em outro, a dança precisa contar com o repertório de cada corpo, e esses não precisam ser iguais, nem cheios de técnicas.

O Projeto *Flash Mob* e a Comunidade Leitora, presentes na

Orientação Técnica de março, tiveram como principal objetivo a disseminação da cultura. A Coordenação Geral do PEF escolheu a estética da dança, exatamente porque aposta na capacidade das comunidades. Tanto que se pode afirmar que os resultados obtidos foram incríveis, ousados e criativos. Foram recebidas mais de setenta apresentações de todo o Estado, que foram feitas em praças, em quadras etc. Participaram crianças, adultos, idosos. Em um desses locais, até um cãozinho esteve apreciando a apresentação.

Vamos saber, então, como foi coordenar de longe toda essa gente do Estado:

FDE: Vocês foram convidadas a criar uma dança específica para o “*Projeto Flash Mob e a Comunidade Leitora*”. Como foi esse processo? O que foi priorizado?

A proposta foi um desafio para a companhia, precisávamos criar uma coreografia para ser ensinada por não bailarinos a não bailarinos. Não conhecíamos os educadores que montariam o Flash Mob nas escolas nem os participantes. Por isso a prioridade foi criar uma sequência de movimentos simples, que fossem acessíveis. Queríamos um efeito bonito, quando realizada

em grupo; para conseguir esse efeito, aproveitamos as duas vozes principais da música escolhida e criamos duas sequências que enfatizassem ainda mais a estrutura musical. Gravamos sete vídeos didáticos e bem minuciosos, para que os educadores pudessem aprender como ensinar e organizar o Flash Mob nas escolas.

FDE: Como vocês definem Flash Mob? Por que, para vocês, Flash Mob combina com o poema “Trem de Ferro”?

A principal característica do Flash Mob é a ocupação do espaço público de uma forma inusitada e surpreendente. Essa ocupação possibilita, de um lado, o protagonismo do participante quanto ao uso desse espaço, e, de outro, a surpresa e o convite aos demais frequentadores para que também olhem, de forma diferente, para os espaços que a cidade oferece. A música “Trem de Ferro” foi uma escolha que contribuiu muito para enaltecer os objetivos do projeto. Primeiro por ser um poema musicado, que veio ao encontro do projeto Comunidade Leitora. Segundo porque o “trem” trouxe a imagem, ao mesmo tempo simples e forte, dos movimentos que queríamos criar para a coreografia. E ainda porque a música tem uma marcação rítmica

“[...] por ser um poema musicado, que veio ao encontro do projeto Comunidade Leitora”.

muito presente, o que favoreceu a criação desse tipo de movimento, fácil de ser realizado e produtor de um efeito estético interessante.

FDE: O Projeto deveria atender às 91 Diretorias de Ensino e suas muitas escolas com realidades tão heterogêneas. Em razão de seu alcance, todos apostaram em uma formação virtual. O que acharam desse formato?

Para nós foi uma novidade, estamos muito acostumadas a dar aulas presenciais, mas dessa vez tivemos de fazer os vídeos e depois participar da videoconferência, fato que nos surpreendeu. Achamos que esse formato é muito interessante para unir tantos municípios diferentes num único projeto, ele diminui as distâncias e possibilita trocas, o que é sempre enriquecedor, mas há também dificuldades inevitáveis em se trabalhar com um grupo tão grande e heterogêneo, e por conta disso, a ideia inicial foi se modificando ao longo do processo.

FDE: A iniciativa do grupo foi fazer quatro ensaios na EE “Tarcísio Álvares Lobo”. Por que tomaram essa decisão?

Não queríamos ficar só com a criação da coreografia, queríamos pôr a mão na



DE Jacareí



DE Jacareí



DE Jacareí

massa. Gostamos de ensinar e de ver o resultado, é muito gratificante.

FDE: Como professoras, o que vocês acharam dos ensaios?

Os ensaios foram muito bons! Nós tínhamos um cronograma que previa que em três ensaios teríamos terminado de ensinar os passos. Mas, no primeiro dia, quase terminamos e, no segundo, todos já sabiam toda a coreografia. Isso nos deu tempo para aperfeiçoar o treino, fixar bem os lugares de cada participante, definir as duplas. No fim, o grupo criou um vínculo grande, foi muito divertido!

FDE: Este projeto teve a intenção de aproximar a literatura da dança. Vocês já tinham vivido uma experiência assim? Como foi desenvolvê-la no Programa Escola da Família?

O primeiro espetáculo criado pela companhia chamou-se "História das Demolições" e foi inspirado no poema homônimo de Fabrício Corsaletti. O processo de criação desse espetáculo foi muito intenso e nos levou a uma pesquisa grande sobre a relação da palavra com o gesto. Claro que trouxemos essa experiência para a criação do Flash Mob Trem de Ferro, mas de uma forma talvez mais lúdica. É interessante este

processo: poema que vira música, que vira dança, que vira vídeo...

FDE: A apresentação do grupo que vocês ensaiaram aconteceu no dia 1º de junho, na Praça Rosselvet. Como foi isso?

Foi muito gratificante, divertido e surpreendente. A praça Roosevelt é um espaço prioritariamente utilizado para as práticas de skate e patins. Ocupá-la com a intervenção de música e dança foi muito estimulante. Ao final do Flash Mob, abrimos uma roda e a ocupação provou-se ainda mais democrática, pois acabou incluindo os demais frequentadores do local, que acabaram dançando com os participantes e fizeram manobras com seus skates. Por uns instantes a praça transformou-se em uma festa!

FDE: Vocês gostariam de deixar algum recado para as escolas e para o público do Programa Escola da Família?

Achamos que o mais importante é que as escolas e o público continuem participando ativamente do Programa, envolvendo-se nos projetos, propondo outros novos, trocando ideias e realizações.

Crianças botam fogo na fornalha do “Trem de Ferro”

A EE “José Félix” da cidade de Potim, pertencente à DE Guaratinguetá, inovou na criação do *Flash Mob*, inspirada no poema “Trem de Ferro” de Manuel Bandeira. Primeiramente a equipe do PEF pesquisou o poeta e o poema, até que encontrassem uma versão que agradasse a todos. Então muitas crianças embarcaram nesse trem e fizeram uma coreografia bastante alegre e diferente, tanto que os vagões foram feitos de caixas de papelão e conduzidos por elas.

O depoimento da vice-diretora nos dá uma ideia de como foi a experiência:

“A leitura do poema foi trabalhada com as crianças, nos finais de semana que antecederam os ensaios. Educadores universitários leram e interpretaram. As crianças de nossa comunidade não conheciam ainda o poema, mas gostaram muito da leitura e se entusiasmaram ao ouvirem a música. Para incrementar, utilizamos um vídeo sobre o poema, apresentado no seriado *Castelo Ra-tim-bum*. Elas ficaram encantadas com o que viram e aceitaram participar e gravar o vídeo.

Começamos com a confecção dos vagões do trem, feita pelas crianças e bolsistas. Temos em nossa escola um educador universitário que estuda Rádio e TV e que executou toda a produção.”

Nesse clima de cooperação e fantasia, o trem partiu, ganhando força, acelerando rodas, despedindo-se de bicho, povo, ponte, poste, pasto, boi, boiada, galho... Deixando em todos a vontade de cantar: Oô!

Então muitas crianças embarcaram nesse trem e fizeram uma coreografia bastante alegre e diferente, tanto que os vagões foram feitos de caixas de papelão e conduzidos por elas.



EE José Félix - DE Guaratinguetá

<https://www.youtube.com/watch?v=MXzbNmxPM-Y>



DE Bauru - Escolas Estaduais:

“Pe. João Batista de Aquino, “João Batista Ribeiro” e “Nilza Santarem Paschoal”

O Trem de Ferro passou em outros lugares:

1. youtu.be/xcjIujKg6w4
2. youtu.be/MqbKlqFk7x8
3. www.youtube.com/watch?v=7ToejZNK4Zc&feature=youtu.be
4. www.youtube.com/watch?v=CZkHYsLSi8Y&feature=youtu.be
5. www.youtube.com/watch?v=Fw1wGu9AopY&feature=youtu.be
6. docs.google.com/file/d/0B4-2B6LFs14FU1ZNdXR3UDFDcEk/edit?pli=1
7. docs.google.com/file/d/0B84fPw2_a98sNkt0TmZWc01GUVe/edit?pli=1
8. www.facebook.com/photo.php?v=1421063551506349&set=vb.100008081532974&type=2&theater

Campanha do Agasalho 2014

Com o *slogan* “Roupa boa, a gente doa”, a edição 2014 da **Campanha do Agasalho** foi lançada em março, pela primeira-dama e presidente do Fundo Social de Solidariedade do Estado, Lu Alckmin.

A iniciativa promove a formação de uma grande rede de solidariedade e envolve todas as Secretarias Estaduais, Autarquias, Fundações, parceiros da iniciativa privada e os educadores do Programa Escola da Família.

Desde 2004, o PEF participa dessa rede de ações, cada escola recebe a doação de artigos de inverno e realiza a triagem para: conserto; lavagem; customização – crochê, tricô, bordado, apliques – e organização por tipo, tamanho e cor.

A parceria com a semana letiva, Grêmio Estudantil e professores mediadores de conflito (PMECs) tem qualificado ainda

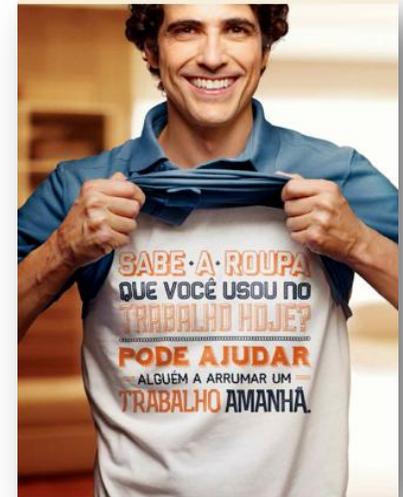
mais essa mobilização. Enfim, sempre há trabalho para muita gente! Depois de tudo pronto, os artigos são doados a entidades, ONGs, igrejas etc.

A Campanha do Agasalho também conta com o “Dia do Esquentar” que, neste ano, viveu sua segunda edição (10 de maio). Vários relatos informam o sucesso obtido e, para ilustrar, segue o da DE Votorantim:

Desde 2004, o PEF participa dessa rede de ações, cada escola recebe a doação de artigos de inverno e realiza a triagem para: conserto; lavagem; customização – crochê, tricô, bordado, apliques – e organização por tipo, tamanho e cor.

Na EE “Profª Maria Aparecida Mendes Silva Lacerda” foram arrecadadas 3.236 peças, sendo que 1.121 foram conseguidas por alunos do 6º ano B, período da tarde. No primeiro momento, atendemos a comunidade local com um maravilhoso bazar, que contou com roupas, sapatos, luvas, meias e cachecóis.

O propósito desse bazar foi amearhar produtos de limpeza para a Associação Beneficente Bom Jesus (lar de velhinhos). Assim, itens de limpeza puderam ser trocados por artigos do bazar.



Vale Muito

Seção 5



EE Napoleão Corule DE Botucatu



EE Antônio Maximiliano Rodrigues DE Catanduva

Num segundo momento, fizemos 2 doação de roupas para entidades (Assobem, Kanguru e Somos da Paz), que atendem crianças e jovens carentes de nossa cidade. Também pudemos contribuir para o Fundo Social de Solidariedade local, que desenvolve ações voltadas às famílias em situação de vulnerabilidade social.

Escolas de 82 DEs registraram a participação na **Campanha do Agasalho 2014**, nos meses de abril e maio:

- Abril: 8.911 participações;
 - Maio: 64.789.
- Total: 73.700 participações.

Dados da intranet (até o momento).

Tem artista no PEF

Projeto Premier Skills

O Projeto Premier Skills é uma parceria entre a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, FDE, British Council e o Sport Club Corinthians Paulista, que tem como escopo oferecer aulas de futebol para jovens entre 7 e 17 anos, como também incentivar ao hábito de leitura e à aprendizagem da língua inglesa.

Para divulgar o Projeto na escola e na comunidade, a educadora universitária Suellen Cristina Silva Henrique, da EE “Pastor Paulo Leivas Macalão” – DE Norte 2, lançou mão de seus conhecimentos e criou um cartaz físico e digital, cuja arte e linguagem convidam o leitor a querer obter mais informações.

A Suellen nos conta, então, como foi a criação desse cartaz:

[...] oferecer aulas de futebol para jovens entre 7 e 17 anos, como também incentivar ao hábito de leitura e à aprendizagem da língua inglesa.

“Primeiro passo:

A escolha do formato. Optei por usar a fotografia porque ela capta um momento, uma ideia, um conceito, mas seria preciso saber usá-la. Foi necessário também fazer uma breve pesquisa sobre o Projeto e seu público-alvo, para melhor entendê-lo.

Segundo passo:

Fazer o rafe (rascunho, como nós da publicidade chamamos), pois ele seria primordial para a criação do cartaz. Sabendo que iria usar uma fotografia feita por mim, mesmo sem saber como ela seria, comecei criando frases, trocando e encaixando palavras para tentar, em poucas palavras, passar o conceito do Premier Skills. Então surgiu a frase: O sucesso de um grande jogador começa na escola. Em seguida seria necessário definir a imagem a ser clicada, então utilizei como base um esboço, criado com a ajuda do Ilustrador e amigo Jonatan Candeias.

Terceiro passo:

Produção da fotografia com o modelo (meu primo João Vitor) devidamente posicionado, em frente a um fundo verde, fazendo referência a nossa bandeira, juntamente com o caderno amarelo, significando que a educação é a nossa riqueza. A bola no pé dando todo sentido à frase do cartaz.

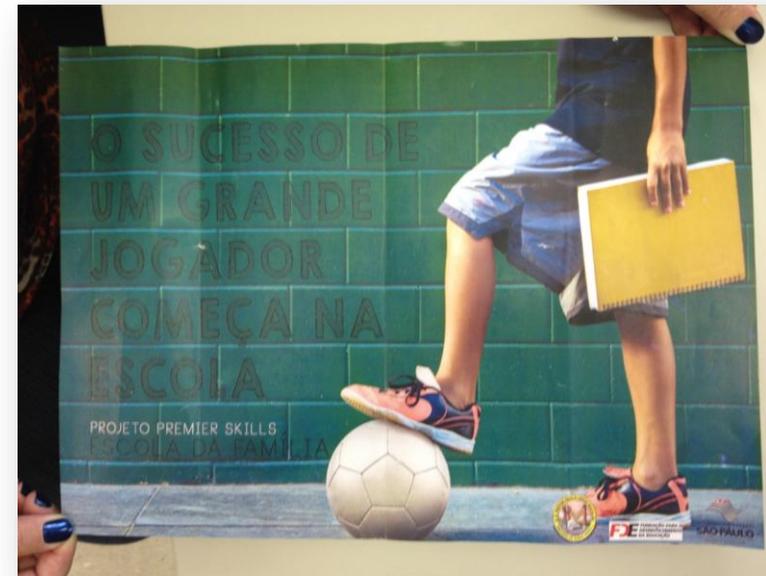
Quarto e quinto passos:

“Edição, para colocar cada coisa em seu devido lugar: frase, foto, logotipos de alguns parceiros e realizadores do Projeto; ajustes de cores e, por fim, a impressão.”

Avaliação da educadora universitária

“Ao realizar esse trabalho, pude entender a grandiosidade desse Projeto, o quanto ele é capaz de mudar a vida dos jovens, pois oferece grandes oportunidades, além de melhorar a realidade da comunidade. A mudança não se limita apenas à vida deles, mas à vida de suas famílias, amigos e vizinhos.”

Além de contribuir para o PEF local, a educadora universitária nos ensinou que trabalhar com planejamento é uma excelente maneira para se organizar ações, prospectar metas e conseguir bons resultados.



Cartaz criado pela Educadora Universitária Suellen Cristina Silva Henrique - DE Norte 2

Agitar-se para viver melhor

O Programa AGITA FAMÍLIA, resultado da parceria entre a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Saúde e o Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (Celafiscs), tem como objetivo conscientizar crianças, jovens e adultos para a melhoria da qualidade de vida da população, por meio da prática diária de atividades físicas.

Todos os anos, nos meses de abril e agosto, comunidades são sensibilizadas a participar e a refletir sobre a importância de um estilo de vida saudável, que não dê brecha ao sedentarismo.

Há dez anos o Programa Escola da Família participa, propondo inúmeras atividades nas escolas, aos finais de semana. Tanto, que já se tornou cultura entre os educadores e pessoas das comunidades, e quem dele participa conhece bem sua proposta.

O evento é muito aguardado por quem o coordena nas escolas e, principalmente pelo público que pode jogar bola, alongar-se, correr, caminhar, pular corda etc.

Em abril, o banco de dados do PEF apontou mais de 82.000 participações e, a cada ano, mais e mais pessoas aderem ao Programa.

Aqui vai uma amostra do que foi o AGITA de abril, no Programa Escola da Família:

DE Limeira

Participaram 19 escolas.

As disciplinas Ciências, Biologia e Educação Física uniram-se para fazer um AGITA bem entrosado.

Programação: palestras e atividades físicas.



**EE “João Baptista Gazzola”
DE Limeira**

*[...] tem como objetivo conscientizar crianças, jovens e adultos para a **melhoria da qualidade de vida** da população, por meio da prática diária de atividades físicas.*

O AGITA, além de enriquecer os dois eixos do PEF – esporte e saúde –, engrossa o movimento mundial que propõe a valorização da vida e iniciativas que conscientizam e educam para um homem mais harmônico e mais feliz que, inteligentemente, rechaça as facilidades prejudiciais e incapacitantes da vida contemporânea.

DE Catanduva

Participaram 22 escolas.

Programação: futebol, futsal, vôlei, basquete, handebol, alongamento, dança, roda de capoeira, caminhada e Gincana do Movimento.



DE Catanduva

DE Votorantim

Programação: orientações sobre aquecimento e nutrição; atividades: cabo de guerra, alongamento, pular corda e skate.



EE "Prof.ª Selma Maria Martins Cunha"

DE Guaratinguetá

Participaram 43 escolas.

Programação: palestras sobre a importância do esporte; atividades: alongamento, futsal, capoeira, dança, tênis de mesa, voleibol; procedimentos de saúde: aferição de pressão e teste de glicemia.



DE Guaratinguetá

DE Jacareí

Participaram 29 escolas.

Programação: 50 atividades.



EE "Prof.ª Maria Santos Bairão"

Por que projetos?

Projetos são formas de organizar o trabalho. Nos espaços escolares, aos finais de semana, as ações das mais diversas são desenvolvidas por Educadores Voluntários, Educadores Universitários e docentes, responsáveis por pensar as atividades. Assim, essa organização, por meio de projetos, permite quantificar metas e reconhecer as demandas da comunidade. Importante lembrar que é sempre recomendável elaborar uma pesquisa com as comunidades intra e extraescolar, acerca do interesse em determinados temas. Assim, uma oficina sobre culinária na escola X terá sucesso garantido e, na escola Y, a de costura terá mais sucesso ainda. Se há um tema gerador, por exemplo, *Comunidade Leitora*, é importante que os Educadores Universitários, Vice-Diretores e Educadores Profissionais planejem as atividades e tenham esse tema presente nas ações. Por exemplo, quando houver um projeto sobre esporte, sobre culinária, sobre artesanato – não importa o assunto –, na hora de elaborá-lo, é essencial verificar a possibilidade de oferecer aos participantes a leitura de um texto literário

Assim, essa organização, por meio de projetos, permite quantificar metas e reconhecer as demandas da comunidade.

sobre o assunto da oficina, antes de iniciá-la. Pode ser um poema ou um texto em prosa. Há textos lindos que falam de alimentação, profissões e assim vai...

Importante que, ao final do projeto, o resultado seja exposto, por meio de cartazes, exposições etc., que informem o número de participantes.

Itens que constituem um projeto

- **Justificativa** – Por que fazer? – Descrever as razões pelas quais se julga necessário executar o projeto.
- **Objetivo** – Para que fazer? – Relacionar os resultados a serem alcançados e os impactos esperados com a execução do projeto, por meio de indicadores que possam ser quantificados e/ou qualificados.
- **Grupo de Trabalho** – Quem está disposto? – Analisar a capacidade real da unidade escolar para executar o projeto, em relação à disponibilidade de pessoal para





elaboração e implementação das atividades planejadas.

•**Público-Alvo** – A quem se destina? – Conhecer a realidade da comunidade para definir os grupos a serem beneficiados, em cada atividade proposta no Projeto, considerando-se sua natureza e especificidade.

•**Plano de Ação** – Como fazer? – As ações do projeto originam-se diretamente dos resultados que se pretende obter; constituem-se de uma ou mais tarefas concretas a serem executadas para a obtenção do que se deseja alcançar. Neste item, podem ser descritas as formas de utilização dos espaços e equipamentos escolares.

•**Avaliação** – O que pode ser modificado? – Após o início das atividades, sempre haverá necessidade de ajustes e revisão de percurso para que os objetivos traçados sejam atingidos.

É importante que no texto inicial do projeto já estejam previstas formas de realizar o acompanhamento das atividades, especialmente para avaliar o grau de satisfação do conjunto de participantes.

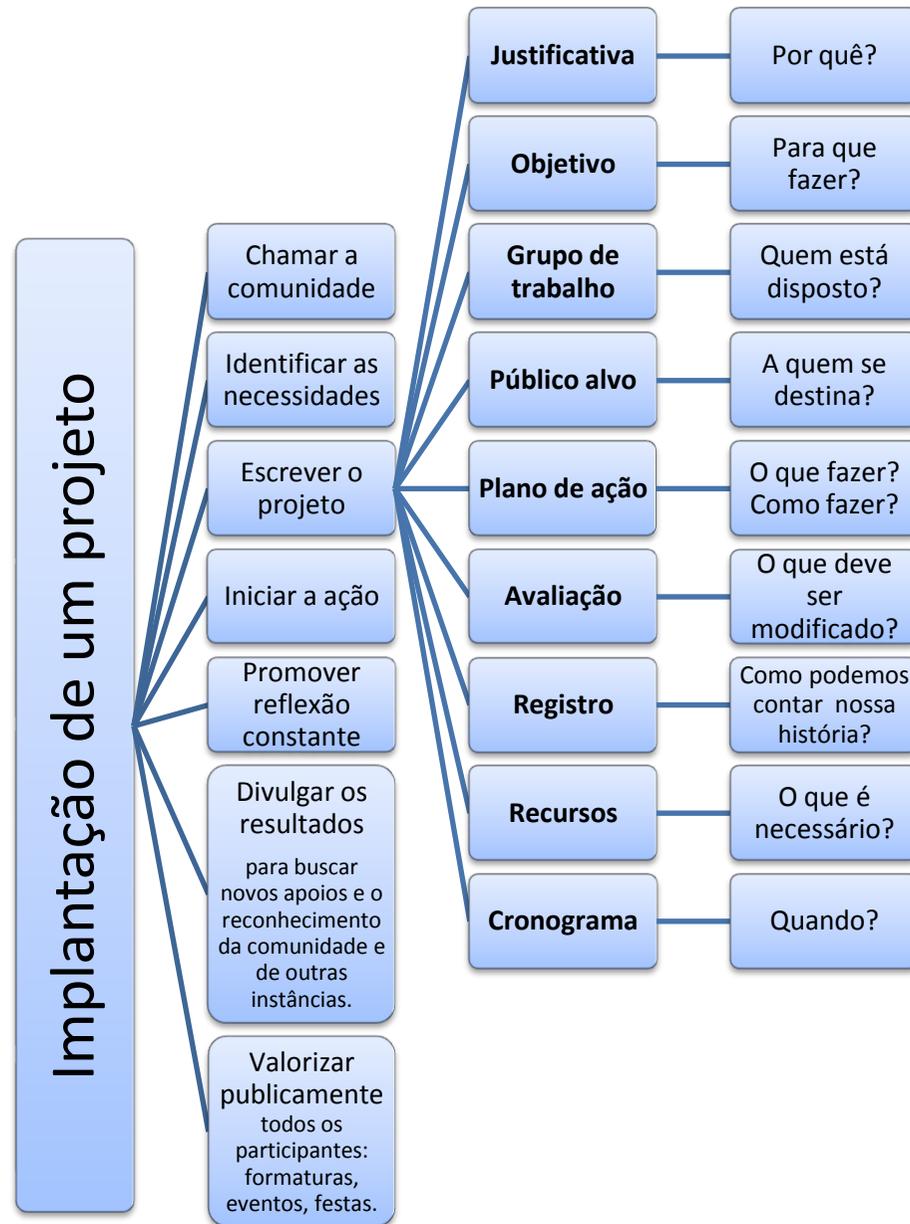
•**Registro** – Como podemos contar nossa história? – Formas de registrar as experiências desenvolvidas na escola: escrevendo, fotografando, gravando, podem ser previstas no projeto, para melhor orientar essa ação.

•**Recursos** – O que é necessário? – São os meios necessários para a realização do projeto, quer sejam equipamentos, materiais de consumo e/ou recursos humanos. Os recursos são determinados, depois da definição dos objetivos gerais e do plano de ação.

•**Cronograma** – Quando? – A partir da definição das atividades do projeto, deve-se elaborar um cronograma geral para todo o período de execução, em que conste o seu desenvolvimento. Nesse cronograma serão indicados os períodos para a execução das ações.



Por que projetos?
 Projetos são formas de organizar o trabalho. Nos espaços escolares, aos finais de semana, as ações das mais diversas são desenvolvidas por Educadores Voluntários, Educadores Universitários e docentes, responsáveis por pensar as atividades.



A Palavra é Sua

Seção 8



Sugestões

Este espaço é dedicado a sua opinião, ideias e sugestões – ele é seu! Portanto, sinta-se à vontade para registrar o que pensa o que sente. Suas impressões guiarão nosso propósito para que este instrumento seja, crescentemente, a voz, o coração e a identidade do PEF.

Agora é com você, a palavra é sua!

*Para participar desta seção,
reporte-se ao e-mail
escoladafamilia@fde.sp.gob.br.*